

UMA OUTRA VISÃO DA ILHA DO FAIAL – A REPORTAGEM DE UM COMPANHEIRO DE VIAGEM DE MARK TWAIN*

RICARDO MANUEL MADRUGA DA COSTA

Qualquer abordagem que entendamos fazer tendo o Faial Oitocentista por tema, dificilmente dispensará uma referência aos Dabney. Afinal, este foi, como temos insistentemente afirmado, o seu século – o «Século Dabney». Isto para dizer que a escala do vapor «Quaker City» pelo porto da Horta em 1867 não passou sem a devida referência nesse registo monumental que são os volumes dos *Anais da Família Dabney na ilha do Faial*. Ao referir o facto, mais do que dar conta daquilo que poderia ser mero registo de circunstância numa obra que é de facto repositório excepcional do quotidiano de uma pequena ilha a meio do Atlântico, move-nos a intenção de sublinhar um facto bem diverso.

Quem conheça razoavelmente os *Anais* ... e também outras obras de literatura de viagens deste período, facilmente se apercebe que a chegada de visitantes à Horta como que mobilizava a família Dabney para o seu acolhimento. Certamente que o estatuto consular e os negócios de agenciamento de navios explicariam a sua presença; a verdade, porém, é que o envolvimento ia muito para além da intervenção formal do cônsul e das suas obrigações assistenciais aos concidadãos e às embarcações. A hospitalidade prodigalizada pela família a quantos aqui chegavam assumia um cunho muito pessoal, não distinguindo nacionalidades e as salas da *Fredonia* e os seus belíssimos jardins meticulosamente cuidados, faziam as delícias de quantos ali permaneciam. Não se estranhará, por isso, que os inúmeros relatos de viajantes que passaram pela Horta de Oitocentos, refiram quase sempre, com o maior apreço, a hospitalidade que a família Dabney, em particular os familiares do segundo e terceiro cônsules dos EUA, Charles William Dabney e Samuel Wyllys Dabney.

* Comunicação apresentada ao Colóquio “Mark Twain – Um viajante *inocente*? – No centenário da morte do escritor” realizado na cidade da Horta no dia 22 de Outubro de 2010, organizado pelo Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores, FLAD – Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e Núcleo Cultural da Horta.

Cultivo de virtudes sociais que na arte de bem receber exprimiam uma maneira peculiar de estar na vida, ou atitude de simples calculismo de um clã apostado em assegurar a meio do Atlântico uma função de promoção em favor de interesses próprios, o certo é que devido à sua influência o Faial ganhou um interessante lugar na literatura de viagens deste período, abundando, por isso, as referências laudatórias a propósito da família Dabney.

Na chegada do «Quaker City», no dia 21 de Junho, como registam os *Anais ...* a história repete-se. As suas páginas atestam-no, ao dar conta ao leitor que no meio da profusão de flores e do arvoredo dos jardins da *Fredonia*, ou invadindo os salões da casa, a pacífica turba dos visitantes deambulava enlevada com a beleza do local. Roxana Dabney, na trabalhosa escolha entre o emaranhado dos papéis que destinou aos *Anais...*, não omitiu a carta de um dos familiares na qual manifesta curiosidade perante um atarefado jovem ocupado a tomar notas, o qual confessaria ser correspondente de um jornal. Embora não o possamos concluir de forma peremptória, por razões que daqui a pouco se compreenderão, é bem plausível que se tratasse de Samuel Langhorn Clemens, o nosso irreverente escritor que, em termos literários, usaria o pseudónimo «Mark Twain». Entretanto, embora os detalhes não abundem no relato exarado nos *Anais...*, é curioso reparar que neles se anota a concentração de razoável número de passageiros do «Quaker City» junto ao hotel – o Faial tinha um hotel desde 1842 junto à zona que actualmente fica adjacente à Praça do Infante – onde igualmente se concentravam 18 burros, certamente a aguardar aluguer com vista a digressão turística pela cidade e arredores. Não se estranhará, por isso, que na 1.^a edição do *Innocents Abroad*, para além da descrição um tanto hilariante do escritor, conste uma gravura em que um daqueles animais, ao contrário da usual docilidade, levanta ao ar as patas em demonstração vigorosa de protesto, ao mesmo tempo que projecta nos ares um surpreso cavaleiro, provavelmente menos adestrado na condução destas excursões montadas em burrico. Afinal, uma representação caricatural muito ao gosto de Mark Twain, embora diversos relatos desta época e de autoria diversa, atestem a existência de um considerável “parque” asinino à disposição de viajantes nestas Western Islands.

Por fim, entre a informação mais curiosa que os *Anais ...* oferecem ao leitor, fica ainda o esboço dos preparativos apressados para um casamento de rito protestante de residentes estrangeiros na ilha do Faial, aproveitando a presença entre os excursionistas do Reverendo Hutchinson.

Chegados a este ponto e antes de entrar nos considerandos de mais interesse do ponto de vista do que nos traz aqui e que destinei a esta breve comunicação, desejaria relevar, como acima sugeri e agora retomo a ideia, que esta atitude dos Dabney se inscreve numa prática sistemática com efeitos promocionais que terão ajudado à projecção atlântica do Faial. Embora o itinerário do «Quaker City» previsse que a escala nos Açores seria na ilha de S. Miguel, uma indesejável borrasca obrigou a que este primeiro cruzeiro turístico transatlântico no ano de 1867, por caprichos de ventos e correntes, tivesse por escala a Horta. Por outro lado, não se estranhará que o acolhimento dos Dabney explique a profusão de relatos publicados na imprensa dos Estados Unidos, sendo seguro afirmar que a ilha do Faial mereceu o maior número de artigos escritos ao longo de toda a viagem do «Quaker City» realizada pelo Mediterrâneo até à Terra Santa, como afirma Dewey Ganzel em obra que reconstitui integralmente a viagem do «Quaker City»¹.

Mas vamos a factos bem mais interessantes do que esta aproximação um tanto especulativa à volta dos méritos dos Dabney em favor da causa da promoção turística da ilha do Faial, como diríamos hoje.

Dissemos acima ser bem provável que o próprio Mark Twain, abdicando dos prazeres contemplativos das flores dos jardins dos Dabney ou dos aromas de uma vistosa magnólia entre as muitas que por ali floresciam, preferisse cuidar do registo dos seus apontamentos para cumprimento dos seus compromissos jornalísticos. E não afirmamos categoricamente que seria ele, porque outros prosadores – talvez menos criativos que Twain, ainda que seguramente mais objectivos – também exercitaram a pena a propósito da estadia no Faial. É sobre um artigo escrito por um dos excursionistas do «Quaker City» que venho tecer algumas considerações, porquanto sobre o que Twain relatou a respeito do Faial, já escrevi em tempo e não desejo repetir-me².

De facto, tendo apurado há alguns anos que outros escritos haviam sido dados à estampa em jornais americanos, procurei obter junto da Library of Congress fotocópias dos mesmos. Infelizmente, apenas obtive uma dessas reportagens

¹ Dewey Ganzel, *Mark Twain Abroad. The Cruise of the «Quaker City»*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1968, p. 59.

² Ver Ricardo Manuel Madruga da Costa, “A Horta na rota do mais famoso cruzeiro do século XIX. Da reportagem de Mark Twain ao *Innocents Abroad*”, in *Horta*, Ponta Delgada, Ed. Publicor, 1997, pp. 22-32 [Texto Bilingue].

a qual, no entanto, pus a bom recato para outra oportunidade. E a oportunidade é este colóquio que hoje nos reúne na cidade que acolheu aqueles “inocentes”, ou talvez nem tanto, passado quase século e meio sobre a data em que a Horta de Oitocentos lhes serviu de amparo após atribulada viagem. Em anexo a este trabalho, para quem alguma vez tiver paciência e oportunidade de o ler, já que tenho intenção de o publicar, transcrevi na íntegra o artigo escrito por um tal A.R.J., trazido a público nas páginas 4 e 5 do n.º 354 da edição de 22 de Julho de 1867 do jornal *The Press*, publicado na cidade de Filadélfia. De posse da lista de passageiros do «Quaker City», foi possível averiguar dever tratar-se do Dr. Abraham Reeves Jackson³. Dito assim, seria mais um passageiro para quem a paz subsequente ao fim da Guerra Civil Americana e o forte estímulo causado pela Exposição Universal de Paris, seriam motivações bastantes para uma aventureira viagem através do Atlântico. A verdade, porém, é que se trata do médico de bordo e as notas biográficas obtidas dão conta de se tratar de alguém que na sociedade americana de então não seria personalidade de menor relevância, destacando-se os seus talentos com iniciativas pioneiras na área da ginecologia⁴. É curioso notar – e a alusão à proliferação de artigos publicados que apontámos acima já aponta para uma abundância de excursionistas em aplicado exercício de dotes literários – que a bordo do «Quaker City» se concentrou de facto um significativo número de plumitivos desejosos de dar publicidade às suas impressões de viagem. Entre eles, Miss Julia Newell, cujos talentos deram à estampa 14 cartas publicadas no jornal *The Janesville Gazette*, entre 23 de Junho e 14 de Dezembro. Porém, sabendo-se que a jovem beneficiou da companhia de Twain e, sobretudo, das deferências do Dr. Jackson, fica também a saber-se, seja por afinidades literárias, ou apenas devido á cumplicidade inspiradora de um céu estrelado em noite de embalo ao ritmo das ondas do Atlântico, a intimidade deu em casamento⁵.

³ Ver lista de passageiros publicada na obra já cit. cf. Dewey Ganzel, *Mark Twain Abroad. The Cruise of the «Quaker City»*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1968, p. 320.

⁴ Cf. Dumas Malone (Ed.), *Dictionary of American Biography*, New York, Charles Scribner's Sons, vol. V, pp. 525-526.

⁵ Sobre estas notas biográficas, ver a crónica de Jeffrey S. Churchwell, “The Letters of Julia Newell: Traveling Abroad with Mark Twain” in *Wisconsin Academy Review*, Vol. 42, issue 4 (Fall 1996), pp. 10-14.

Mas deixemos em paz o enlevado par na amurada do vapor, e voltemos ao artigo do médico do «Quaker City». A verdade é que o artigo com que o Faial foi contemplado pelo Dr. Abraham Jackson, podendo literariamente ficar aquém da prosa cáustica e malévola de Mark Twain – e sobre isso, naturalmente por ser incompetente, não emito nenhum juízo – revela uma apreciável objectividade na descrição da realidade que observou. Quem esteja identificado com a realidade faialense de meados do século XIX, não dará conta de dissonâncias de monta. A verdade é que o artigo enviado para o jornal *The Press*, de Filadélfia, revela um trabalho louvável a vários títulos, quer quanto à estrutura em que o autor o organizou, quer no que respeita ao critério de selecção da informação oferecida aos leitores. Tenha-se presente a indispensável economia do texto a ter em conta num trabalho destinado a um jornal com compreensíveis limitações de espaço, sendo que, do ponto de vista do editor, poderá ainda conjecturar-se que a descrição de uma ilha pouco conhecida num arquipélago perdido a meio do Atlântico, por mais exótica que pudesse revelar-se, não constituiria matéria jornalística prioritária, a justificar a concessão de grandes liberdades ao autor, quanto às colunas a ocupar. Aliás, como começa por afirmar, é mesmo o desconhecimento dos Açores que motivou o autor a ocupar-se da descrição do arquipélago e, em particular, da ilha do Faial.

Presumindo que estas hipóteses estejam correctas, analisemos o artigo.

Relevamos em primeiro lugar o modelo de organização do trabalho que não difere, fundamentalmente, do que hoje qualquer repórter faria. Como se compõe o arquipélago; a sua natureza vulcânica; as características do clima e a fertilidade do solo devido à presença conjunta destes dois últimos factores, integram a informação mais básica. Sobre a população, regista para o arquipélago 200.000 habitantes, referindo ser gente boa e de espírito laborioso, ainda que em geral vivendo pobremente, para acrescentar, numa afirmação que jamais encontramos em qualquer autor, que em algumas ilhas se depara com algum grau de licenciosidade e com uma certa ausência de apreço pelo cultivo das virtudes. Tudo isto compõe um bloco informativo preliminar a que se associam alguns dados relativos às produções insulares e ao tipo de importações, finalizando com a constatação de que o vulcanismo está bem evidente na paisagem e que a ocorrência de abalos de terra é uma realidade. Vem depois a informação específica sobre o Faial.

Depois de referir que a Horta é a principal localidade da ilha e dando a conhecer a sua população calculada na ordem dos 10.000 habitantes, descreve

alguns aspectos da cidade, como sejam a existência do forte que a defende, a existência de duas “catedrais” cuja traça enquadra na tipologia habitual dos templos católicos em locais de idêntica dimensão e, por fim, nesta secção, digamos, do equipamento citadino, regista, com apreço quanto ao seu bom serviço, a presença do Hotel Fayal.

A par dos seus arruamentos estreitos, louva o asseio das ruas, recolhendo a impressão de uma ordem em todas as coisas e de que tudo se encontra no seu lugar próprio.

Segue-se a caracterização do espaço físico, nomeadamente a orografia e a superfície total da ilha, mais a área cultivada, enumerando os produtos da terra e os valores das exportações, sem omitir, com correcta precisão temporal, a ruína dos vinhedos e o desaparecimento da exportação de vinho. Na vertente da economia releva ainda o papel da ilha como escala de transbordo nas rotas do comércio atlântico e destaca a presença anual de considerável número de navios da frota baleeira americana para os quais o Faial representa porto de baldeação do óleo produzido no decorrer da primeira fase da campanha após partida dos Estados Unidos.

Numa apreciação geral, impressionou-o a visão da paisagem dando a ideia de não haver um recanto que não parecesse cultivado e o facto do trabalho se fazer manualmente ou com recurso a uma arado primitivo, feito em madeira e puxado manualmente. O típico carro de bois e a sua descrição fazem parte das curiosidades que destaca, chamando a atenção para o casario de pequeno porte, coberto de telha e sem chaminés. Nesta oportunidade, o autor regista e compara os salários dos jornaleiros e o dos chamados oficiais mecânicos. O modo de trajar das senhoras é outra das curiosidades que o autor sublinha, descrevendo o capote faialense como coisa exótica que a qualquer americano causaria surpresa. Tal como Twain, que o achou bastante feio, não ficaria muito impressionado com a elegância desta peça do vestuário feminino. Para quem, como eu, ainda teve o privilégio de ver algumas senhoras – entre elas a minha avó – usar o capote, não deixará de ficar perplexo em presença de juízos tão adversos ao desenho daquela peça e de conjecturas tão fantasiosas quanto a constrangimentos que o tempo ventoso poderia impor.

Para deixar nota mais colorida ao seu relato, quebrando a monotonia de um repositório informativo menos estimulante, o nosso correspondente não deixou de animar as colunas do *The Press* com o agitado cortejo de uns 18 burros alinhados junto à saída do Hotel Fayal, na paciente espera, aliás bem sucedida, de uma clientela curiosa e interessada numa excursão em meio de

transporte tão inusitado. O zeloso escriba, aceitando o desafio, lá vai confessando tratar-se de um meio pouco dignificante. O certo é que, a crer em Twain, os ilustres visitantes não terão deixado de se divertir.

No meio deste acervo de dados que qualquer cidadão em terras da América, projectando aventurar-se pelo Atlântico, leria com prazer e proveito, não poderia faltar uma palavra de grande apreço pela delicada e atenta hospitalidade do Senhor Dabney. Regista o facto de o cônsul ter acompanhado pessoalmente os visitantes em redor dos jardins da sua confortável moradia, a já mencionada *Fredonia*, colhendo criteriosamente as mais belas flores para oferecer às senhoras do grupo. Nesta manifestação de gratidão para com o senhor Charles William Dabney, não seria necessário, dizemos nós, exagerar a opulência do seu estatuto, ao fantasiar sobre a dimensão do seu património ao afirmar ser dono de 2/3 da ilha do Faial. A propriedade fundiária, como se sabe, não era propriamente a fonte da sua fortuna e os morgados de outrora, mesmo em época já tão tardia, certamente que não o consentiriam.

Por fim, para que a estrutura contemplando espaço, sociedade e economia, mais a lista das coisas que somam umas quantas peças do património etnográfico que hoje figuram em qualquer museu destas ilhas, não ficasse sem a componente relativa aos poderes, o autor não esqueceu uma breve referência à administração, identificando os dois governadores, civil e militar, e suas competências.

Certamente que muito mais poderia ter escrito. Reconhecer-se-á, todavia, que como peça de literatura de viagens visando um público vivendo no outro lado do Atlântico e desejoso de descobrir novas paragens, num tempo de pacificação que o fim da Guerra da Secessão permitia usufruir – seria mesmo o caso dos excursionistas do «Quaker City», como já sugerimos – a reportagem cumpre honradamente a sua função.